

*Sigrid
Núñez*

O AMIGO O



Sigrid
Núñez

Romance

O AMIGO

TRADUÇÃO
Carla Fortino

instante



© 2019 by Editora Instante

THE FRIEND by Sigrid Nunez. Copyright © 2018 by Sigrid Nunez
Publicado sob acordo com a autora. Todos os direitos reservados.

Direção Editorial: **Silvio Testa**

Coordenação Editorial: **Carla Fortino**

Preparação: **Fabiana Medina**

Revisão: **Andréa Vidal e Juliana Rodrigues**

Capa: **Fabiana Yoshikawa**

Tratamento de Imagem: **Aldo Macedo**

Diagramação: **Estúdio Dito e Feito**

Imagens: **Eric Isselée/Adobe Stock** (capa),

Helga Mariah/Shutterstock (ilustração da silhueta do cachorro)

1ª Edição: 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Laura Emília da Silva Siqueira CRB 8/8127)

Nunez, Sigrid.

O amigo / Sigrid Nunez ; tradução, Carla Fortino.

1ª ed. São Paulo: Editora Instante : 2019.

Tradução do original "The friend",
vencedor do National Book Award 2018.

ISBN 978-85-52994-09-1

1. Literatura norte-americana

2. Literatura norte-americana: romance

I. Nunez, Sigrid

CDU 821.111 (73)

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana
 2. Literatura norte-americana: romance
- CDD813

Atualização de ortografia conforme o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil
a partir de 2009.

www.editorainstante.com.br

facebook.com/editorainstante

instagram.com/editorainstante

O amigo é uma publicação da Editora Instante.

*Você tem que perceber que não pode esperar
consolar-se da sua dor com a escrita.*

Natalia Ginzburg, “My vocation” [Minha vocação]

○☪○

*Você verá um grande baú, instalado no meio do chão,
e sobre ele um cão sentado, os olhos do tamanho de xícaras.*

Mas você não precisa ter medo dele.

Hans Christian Andersen, “A caixa de fósforos”

○☪○

*A pergunta que qualquer romance está de fato
tentando responder é: A vida vale a pena?*

Nicholson Baker, “The Art of Fiction No. 212”

[A arte da ficção n. 212], *The Paris Review*

Parte 1

Durante a década de 1980, na Califórnia, um grande número de mulheres cambojanas foi ao médico com a mesma queixa: elas não podiam enxergar. Eram todas refugiadas de guerra. Antes de fugirem de sua terra natal, elas testemunharam as atrocidades pelas quais o Khmer Vermelho, que estivera no poder de 1975 a 1979, era bem conhecido. Muitas delas haviam sido estupradas, torturadas ou, sob outros aspectos, brutalizadas. A maioria testemunhara membros da família serem assassinados. Uma mulher, que nunca mais viu o marido e os três filhos depois que os soldados vieram e os levaram, disse que havia perdido a visão depois de ter chorado todos os dias durante quatro anos. Ela não era a única que parecia ter chorado até ficar cega. Outras sofriam de visão turva ou parcial, os olhos perturbados por sombras e dores.

Os médicos que examinaram as mulheres — cerca de cento e cinquenta ao todo — descobriram que os olhos de todas eram normais. Outros testes mostraram que o cérebro delas também era normal. Se as mulheres estivessem dizendo a verdade — e havia quem duvidasse disso, quem achasse que fingiam porque queriam atenção ou esperavam receber algum benefício graças à deficiência —, a única explicação seria cegueira psicossomática.

Em outras palavras, a mente das mulheres, forçada a absorver tanto horror e incapaz de assimilar mais, conseguiu apagar as luzes.

Essa foi a última coisa sobre a qual conversamos quando você ainda estava vivo. Depois, houve apenas seu e-mail com uma bibliografia que achava que poderia ser útil para minha pesquisa. E, porque era fim de ano, os melhores votos para o Ano-Novo.

Houve dois erros no seu obituário. A data em que você se mudou de Londres para Nova York: um ano de diferença. E a ortografia do nome de solteira da Esposa Um. Pequenos erros que foram corrigidos mais tarde, mas que todos nós sabíamos que o teriam incomodado.

Na sua homenagem póstuma, no entanto, ouvi algo que teria divertido você:

Eu queria poder rezar.

E o que o impede disso?

Ele.

Teria, teria. Os mortos habitam o condicional, o tempo irreal. Mas há também a extraordinária sensação de que

você se tornou onisciente, de que nada do que fazemos, pensamos ou sentimos pode ser escondido de você. A sensação extraordinária de que está lendo estas palavras, de que sabe o que elas dirão antes mesmo que eu as escreva.

É verdade que, se você chorar bastante por bastante tempo, pode acabar com a visão embaçada.

Eu estava deitada, já era o meio do dia, mas estava na cama. Todo aquele pranto me dava dor de cabeça, eu tinha uma dor de cabeça latejante havia dias. Levantei-me e fui olhar pela janela. Ainda era inverno, estava frio perto da janela, havia uma corrente de ar. Mas me senti bem — como foi bom pressionar a testa contra o vidro gelado. Fiquei piscando, mas meus olhos não se tornaram límpidos. Pensei nas mulheres que choraram até ficar cegas. Pisquei e pisquei, o medo crescendo. Então vi você. Usava sua jaqueta marrom, aquela bem justa — e só ficava bem em você por causa disso —, e seu cabelo era escuro, grosso e comprido. Foi assim que eu soube que precisávamos voltar no tempo. Um passado distante. Quase trinta anos.

Aonde você estava indo? A nenhum lugar em particular. Sem destino, sem compromisso. Apenas passeando, as mãos nos bolsos, saboreando a rua. Era o que gostava de fazer. *Se não posso andar, não posso escrever.* Você trabalhava pela manhã e, em determinado momento, o qual sempre chegava, quando você parecia incapaz de escrever uma frase simples, saía e caminhava por quilômetros. Malditos eram os dias em que o mau tempo impedia isso (o que raramente acontecia, pois você não se importava com o frio ou com a chuva, apenas uma tempestade

poderia frustrá-lo). Quando voltava, sentava-se novamente para trabalhar, tentando manter o ritmo estabelecido durante a caminhada. E, quanto mais tivesse tido êxito nisso, melhor seria a escrita.

Porque tudo tem a ver com ritmo, você disse. Boas frases começam com uma batida.

Você postou um ensaio, “Como ser um *flâneur*”, sobre o costume de passear e andar sem destino na cidade e o lugar que isso ocupa na cultura literária. Recebeu algumas críticas por questionar se realmente poderia haver uma *flâneuse*. Você não achava possível uma mulher vagar pelas ruas com o mesmo espírito e o mesmo comportamento de um homem. Uma pedestre estava sujeita a interrupções constantes: olhares, comentários, assobios, assédios. A mulher é criada para estar sempre em guarda: Esse cara não está andando muito perto dela? Será que não a está seguindo? Como, então, ela poderia relaxar o suficiente para experimentar a perda do senso do eu, a alegria do puro ser que era o ideal da verdadeira *flânerie*?

Você concluiu que, para as mulheres, o equivalente a isso provavelmente seria fazer compras — de maneira específica, o tipo de perambulação que as pessoas fazem quando não querem comprar nada.

Eu não achava que estivesse errado sobre isso. Conheço muitas mulheres que se preparam psicologicamente para sair de casa e algumas que até evitam sair. Claro, a mulher só precisa esperar até que atinja certa idade, quando se torna invisível, e o problema está resolvido.

E perceba que você usou a palavra *mulheres* quando o que realmente pretendia dizer era mulheres jovens.

Tenho caminhado bastante ultimamente, mas nada de escrever. Perdi meu prazo. Foi dada uma prorrogação compassiva. Perdi o novo prazo também. Agora o editor acha que estou fugindo do trabalho.

Não fui a única que cometeu o erro de pensar que, por ser algo de que você falava muito, era algo que não faria. E, afinal, você não era a pessoa mais infeliz que conhecíamos. Não era a mais deprimida (pense em G., D. ou T.R.). Nem mesmo era — por mais estranho que pareça dizer isso — a mais suicida.

Por causa da época, tão perto do início do ano, foi possível pensar que fora uma resolução.

Uma das vezes em que falou disso, você disse que o que o impediria era seus alunos. Você, naturalmente, estava preocupado com o efeito que tal exemplo poderia exercer sobre eles. No entanto, não pensamos nisso quando deixou de lecionar no ano passado, embora soubéssemos que gostava de lecionar e que precisava do dinheiro.

Em outra ocasião você disse que, para uma pessoa que atingiu uma certa idade, poderia ser uma decisão racional, uma escolha perfeitamente correta, uma solução até. Bem diferente de quando um jovem comete suicídio, o que só poderia ser um erro.

Uma vez, você nos fez morrer de rir com a frase *Acho que prefiro a vida curta como um conto*.



Stevie Smith dizendo que a Morte é o único deus que deve vir quando é chamado divertiu você, assim como as várias maneiras pelas quais as pessoas disseram que, se não fosse pelo suicídio, não conseguiriam continuar.

Ao caminhar com Samuel Beckett em uma bela manhã de primavera, um amigo lhe perguntou: Um dia como esse não deixa você feliz por estar vivo? Eu não iria tão longe assim, respondeu Beckett.

E não foi você quem nos contou que Ted Bundy já atendeu ligações em um centro de prevenção de suicídio?

Ted Bundy.

Oi. Meu nome é Ted e estou aqui para ouvir. Fale comigo.

Saber que haveria uma homenagem póstuma nos pegou de surpresa. Ouvimos você dizer que nunca ia querer algo assim, que tal ideia lhe era repugnante. A Esposa Três simplesmente escolheu ignorar isso? Foi porque você não conseguiu registrá-lo por escrito? Como a maioria dos suicidas, você não deixou um bilhete. Nunca entendi por que é chamado de *bilhete*. Deve haver alguns que não são curtos.

Em alemão, chamam de *Abschiedsbrief*: carta de despedida. (Melhor.)

Seu desejo de ser cremado fora respeitado, pelo menos, e não houve funeral nem *shivá*. O obituário enfatizou seu

ateísmo. *Entre religião e conhecimento, ele disse, uma pessoa deve escolher o conhecimento.*

Um comentário: Que coisa absurda para quem sabe alguma coisa sobre a história judaica dizer.

No momento em que a homenagem póstuma aconteceu, o choque passou. As pessoas se distraíam com especulações sobre como seria ter todas as esposas em um único quarto. Para não mencionar as namoradas (todas elas juntas, essa foi a piada, não caberiam em um quarto).

Exceto pela apresentação de *slides* que se repetia automaticamente, com a lembrança martirizante da beleza e da juventude perdidas, não foi muito diferente de outros eventos literários. As pessoas que se socializavam na recepção eram ouvidas falando sobre dinheiro, prêmios literários como reparações e a última resenha sobre *morra, autor, morra*. O decoro, nesse caso, significava nenhuma lágrima. As pessoas usaram a oportunidade para se conectar e se atualizar. Fofocas e acenos de cabeça sobre o excesso de compartilhamentos do artigo *in memoriam* da Esposa Dois (e agora o boato de que ela o está transformando em livro).

A Esposa Três, deve-se dizer, parecia radiante, embora fosse uma resplandecência fria como a de uma lâmina. Trate-me como um objeto digno de compaixão, era o que a postura dela anunciava, e se insinuar que fui, de alguma maneira, culpada, eu vou dilacerar você.

Fiquei emocionada quando ela me perguntou como estava indo o meu livro.

Mal posso esperar para ler, ela disse, falsamente.

Não tenho certeza se vou terminar, eu disse.

Ah, mas você sabe que ele gostaria que você terminasse.
(*Gostaria.*)

Esse hábito desconcertante que ela tem de balançar lentamente a cabeça enquanto fala, como se negasse cada palavra que diz.

Alguém semifamoso se aproximou de nós. Antes de se afastar, ela disse: Tudo bem se eu ligar para você?

Saí cedo. Ao me dirigir para a saída, ouvi alguém dizer, Espero que haja mais pessoas na *minha homenagem póstuma* do que nesta.

E mais: agora ele é oficialmente um homem branco morto.

É verdade que o mundo literário é um campo minado de ódio, um cenário de batalha cercado de franco-atiradores em que ciúme e rivalidade estão sempre em jogo?, perguntou o entrevistador da National Public Radio a respeito do ilustre autor, que permitiu que fosse assim. Há muita inveja e inimizade, disse o autor. E tentou explicar: É como uma jangada afundando na qual muitas pessoas estão tentando subir. Então, qualquer empurrão que você consiga dar faz com que a embarcação fique um pouco mais alta para você.

Se a leitura realmente aumenta a empatia, como nos dizem com frequência, parece que o ato de escrever leva um pouco dela embora.

Certa vez, em uma conferência, você surpreendeu a plateia dizendo: De onde todas as pessoas tiraram a ideia de que ser escritor é algo maravilhoso? Não é uma profissão, mas uma vocação de infelicidade, disse Simenon a respeito do ato de escrever. Georges Simenon, que escreveu centenas de

romances usando o próprio nome, outras centenas sob duas dúzias de pseudônimos, e que, ao se aposentar, era o autor mais vendido no mundo. É muita infelicidade.

Quem se gabava de ter fodido nada menos que dez mil mulheres, muitas, se não a maioria delas, prostitutas, e que se considerava feminista. Quem tinha como mentora literária ninguém menos que Colette e como amante ninguém menos que Josephine Baker, embora se diga que ele terminou o caso porque interferia demais no trabalho, desacelerando a produção daquele ano para a quantidade desprezível de doze romances. Quem, ao ser indagado sobre o que o tornou um romancista, respondeu: Meu ódio por minha mãe. (Há muito ódio aí.)

Simenon, o *flâneur*: Todos os meus livros vieram até mim enquanto eu caminhava.

Tinha uma filha que era psicoticamente apaixonada por ele. Quando ainda era garotinha, ela lhe pediu uma aliança de casamento, e ele lhe deu. Teve o anel alargado para caber em seu dedo conforme crescia. Aos vinte e cinco anos, ela se matou com um tiro.

Pergunta: Onde uma jovem parisiense consegue uma arma?

Resposta: De um armeiro, ela leu em um dos romances de seu *Papa*.

Um dia, em 1974, na mesma sala de aula da universidade onde às vezes leciono, uma poeta anunciou na oficina que ministrava naquele semestre: Posso não estar aqui na semana que vem. Mais tarde, em casa, vestiu o velho casaco de pele da mãe e, com um copo de vodka na mão, trancou-se na garagem.

O velho casaco de pele da mãe é o tipo de detalhe que os professores de escrita criativa gostam de destacar para os alunos, um desses detalhes reveladores — como a maneira pela qual a filha de Simenon conseguiu a arma — que são encontrados em abundância na vida, mas muitas vezes são negligenciados na ficção estudantil.

A poeta entrou em seu carro, um Cougar vermelho-tomate 1967, e ligou a ignição.

No primeiro curso de escrita criativa que ministrei, depois de enfatizar a importância do detalhe, um aluno levantou a mão e disse: Discordo totalmente. Se alguém quiser um monte de detalhes, que veja televisão.

Um comentário que depois eu entenderia não ter sido tão idiota quanto parecia.

O mesmo aluno também me acusou (as palavras dele foram *escritores como você*) de tentar assustar as pessoas fazendo com que o ato de escrever parecesse muito mais difícil do que era.

Por que haveríamos de querer isso?, perguntei.

Ah, por favor, ele disse. Não é óbvio? Vocês não querem dividir seu lugar ao sol.

Meu primeiro professor de escrita criativa dizia aos alunos que, se houvesse outra coisa que eles pudessem fazer na vida em vez de se tornarem escritores, qualquer outra profissão, deveriam optar por ela.

Ontem à noite, na estação Union Square, um homem tocava “La vie en rose” em uma flauta, *molto giocoso*. Nos últimos

tempos, tornei-me vulnerável a músicas-chiclete, e a melodia, na interpretação animada do flautista, está me atormentando o dia todo. Dizem que a melhor maneira de se livrar de uma música-chiclete é escutá-la inteira algumas vezes. Ouvi a versão mais famosa, com Edith Piaf, claro, que escreveu a letra e cantou a música pela primeira vez em 1945. Agora é a voz estranha, balbuciante, a alma da França, do Pequeno Pardal que não sai da minha cabeça.

Também na estação Union Square havia um homem segurando uma placa: Diabético Sem-Teto e Sem Dentes. Essa é uma boa placa, disse um passageiro, enquanto jogava uns trocados no copo de papel do homem.

Às vezes, quando estou no computador, uma janela abre sozinha: Você está escrevendo um livro?

O que será que a Esposa Três quer falar comigo? Não sou tão curiosa assim quanto você esperaria. Se você tivesse deixado uma carta ou mensagem para mim, sem dúvida já estaria comigo. A Esposa Três pode estar planejando alguma outra homenagem, uma compilação de, digamos, lembranças escritas, e, se esse for o caso, ela estará outra vez fazendo algo que você disse que não queria.

Estou com receio desse encontro, não porque não goste dela (eu gosto), mas porque não quero fazer parte de nenhum desses ritos.

E não quero falar sobre você. Nosso relacionamento era um tanto incomum, nem sempre fácil de os outros entenderem. E nunca perguntei, e portanto nunca soube, o que você dizia a suas esposas a respeito de nós. Sempre fui grata pelo

fato de a Esposa Três, embora ela nunca tenha sido minha amiga como a Esposa Um, ao menos não ser minha inimiga como a Esposa Dois.

Não era culpa dela o fato de seu casamento ter implicado ajustes nas suas amizades, é isso o que os casamentos fazem. Nós dois ficávamos mais próximos quando você estava nos períodos entre esposas, os quais nunca duraram muito, porque você era, em um grau quase patológico, incapaz de ficar sozinho. Certa vez você me disse que, com poucas exceções, como quando viajava a trabalho, em uma turnê de divulgação de livro, por exemplo (e nem sempre, até mesmo naquela ocasião), não tinha dormido sozinho uma única noite em quarenta anos. No período entre esposas havia sempre uma namorada. No período entre namoradas havia encontros de uma noite. (Havia também o que você chamava de “rapidinhas”, mas isso não envolvia dormir.)

Uma pausa aqui para uma confissão, e não sem certa vergonha: Nunca ouvi a notícia de que você tinha se apaixonado sem sentir uma pontada de ciúme, nem podia evitar uma onda de alegria cada vez que tomava conhecimento de que você estava terminando com alguém.

Não quero falar de você nem ouvir os outros falarem de você. É um clichê, claro: falamos sobre os mortos para lembrá-los, para mantê-los, da única maneira que podemos, vivos. Mas descobri que, quanto mais pessoas falam de você, por exemplo aquelas que falaram na homenagem póstuma — pessoas que o amavam, pessoas que o conheciam bem, pessoas muito boas com as palavras —, mais você parece escapar, mais se torna uma espécie de holograma.